



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Carvalho, Marcus J. M. de  
Fácil é serem sujeitos, de quem já foram senhores: o ABC do divino Mestre  
Afro-Ásia, núm. 31, 2004, pp. 327-334  
Universidade Federal da Bahia  
Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77003110>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**“FÁCIL É SEREM SUJEITOS,  
DE QUEM JÁ FORAM SENHORES”:  
O ABC DO DIVINO MESTRE**

*Marcus J. M. de Carvalho\**

**O** Divino Mestre é um desses personagens que passam meteóricos pela história do Brasil, e antes que possamos dar conta do seu impacto e legado, desaparecem das fontes da mesma forma repentina com que apareceram. Para encurtar a narrativa, o negro Agostinho José Pereira surge nas fontes policiais, pregando pelas ruas do Recife, em 1846. Sua arma, uma Bíblia onde estavam grifadas as passagens que falavam de liberdade. Seus discípulos, mais de trezentos, segundo o *Diário de Pernambuco*, eram todos negros e diziam-se livres ou libertos. Sete homens e sete mulheres foram detidos junto com ele. Todos sabiam ler e escrever. Aprenderam com Agostinho a quem tratavam por Divino Mestre. Entre seus pertences havia uns versos, chamados de “ABC”, que falavam do Haiti, tornando-se alvo de atenção especial das autoridades.

A prisão de Agostinho gerou uma documentação que, se não é farta, é intensa em significados. A imprensa começou a discutir até onde seria ele um rebelde, que alfabetizava e pregava para negros à beira de uma insurreição, ou simplesmente um fanático religioso cujo único objetivo era converter almas desesperançadas à sua fé. Ao prendê-lo, o Chefe de Polícia da Província não teve dúvidas: seu “cisma” era apenas um disfarce para uma insurreição escrava. Foi tamanha a comoção provocada,

---

\* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco.

que o Divino Mestre terminou interrogado pelo Tribunal da Relação. Lá, altivo, não negou suas crenças. Ensinava de fato as escrituras. Perguntado se era um profeta, respondeu que “Deus sempre os tirou d’entre as famílias humildes”.<sup>1</sup> Negou que as imagens dos santos tivessem qualquer valor espiritual. Afirmou que os católicos não cumpriam os mandamentos. Asseverou que sua conversão viera por inspiração divina e que estava sempre em contato com Ele.<sup>2</sup>

O Divino Mestre declarou ainda que tinha 47 anos. Confessou que fora oficial de milícias da Confederação do Equador, em 1824, mas apenas por obediência ao seu comandante. Ao ser perguntado se havia participado também da Sabinada na Bahia, em 1837-38, respondeu que não, mas admitiu que conhecera Sabino enquanto servia numa fortaleza no Rio de Janeiro, onde o líder baiano estava preso. Porém, o que mais chamou a atenção dos desembargadores no interrogatório foi o tal ABC. Agostinho negou ser o autor, alegando que aqueles versos haviam sido dados à sua esposa por um sujeito ligado à Irmandade dos Martírios, na vila de Goiana (Zona da Mata seca, próxima à fronteira com a Paraíba). Interrogada, sua esposa, também letrada, afirmou que recebeu o ABC de “um homem que veio do sertão”. Ela o aceitou porque, nas suas palavras, “achei-o bonito”.<sup>3</sup>

Quem defendeu Agostinho em juízo, pedindo *habeas corpus*, foi o liberal radical Borges da Fonseca, figura carimbada de todos os movimentos políticos do seu tempo. Participou ativamente das manifestações no Campo de Santana no Rio de Janeiro, em 1831, quando Pedro I foi forçado a renunciar ao trono. Em 1848, apenas dois anos depois da prisão de Agostinho, comandaria tropas na Insurreição Praieira. Seu grande feito foi mobilizar a “população” em favor da chamada “nacionalização do comércio a retalho”, entre 1844 e 1848, durante os “mata-marinheiros” que ensangüentaram as ruas da cidade. Havia caixeiros e artesãos entre seus liderados, tanto naquelas manifestações como na própria Prai-

---

<sup>1</sup> “Interrogatório feito ao preto Agostinho José Pereira, 26/10/1846”, in *O Nazareno*, apud *Diário Novo* (Recife), 30/10/1846.

<sup>2</sup> Marcus J. M. de Carvalho, “Que crime é ser cismático? As transgressões de um pastor negro no Recife patriarcal, 1846”, *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 36 (2000), pp. 97-122.

<sup>3</sup> “Interrogatório feito ao preto Agostinho José Pereira, 26/10/1846”, in *O Nazareno*, apud *Diário Novo* (Recife), 30/10/1846.

eira.<sup>4</sup> Os mais visíveis eram os alfaiares. Sete deles foram presos durante a insurreição, como “sedutores de povos”, ou por participarem ativamente dos combates contra as tropas imperiais. Nem todos os alfaiares envolvidos eram brancos. Luis Hamburgo era negro. E da casa do “pardo Caju” foram dados tiros contra as tropas imperiais. Agostinho também era alfaiares.<sup>5</sup>

A percepção de que o Senhor não era branco parece ter sido um aspecto importante da seita do Divino Mestre. Uma das mulheres interrogadas pelo Tribunal da Relação era a “Madalena” da seita. Sabia ler e conhecera o Senhor numa visão. Contou que estava sentada quando viu as nuvens descendo. Ao se abrirem, lá estava Ele com uma túnica roxa, como a do Senhor dos Martírios. Perguntada pelo Presidente do Tribunal da Relação, se Ele era branco ou preto, respondeu: “Era acaboclado”, provocando risos entre os magistrados. “Acaboclado como?”, retorquiu o Presidente do Tribunal. “Como caboclo!”, respondeu ela.<sup>6</sup>

José Antonio Gonsalves de Mello lembrou que, ao passar por Pernambuco em 1852, o naturalista inglês Charles B. Mansfield referiu-se ao Divino Mestre como um “Lutero negro”, cujo paradeiro ignorava, mas ouvira dizer que fora condenado a três anos de prisão ou a ser deportado, não sabia ao certo.<sup>7</sup> Aliás, continuamos sem saber o que aconteceu com ele depois da prisão, restando uma notícia de jornal dizendo que fora solto pelo *habeas corpus* de Borges da Fonseca, e que dali em diante era apupado pela multidão quando passava seguido por seus ascéticos discípulos.<sup>8</sup> Levando-se em conta que a Praieira estourou em novembro de 1848, e dela participaram Borges da Fonseca e vários al-

---

<sup>4</sup> Amaro Quintas, *O sentido social da Revolução Praieira*, Recife, UFPE, 1977; Jeffrey C. Mosher, “Pernambuco and the Construction of the Brazilian Nation-State, 1831-1850”, Tese de Doutorado, University of Florida at Gainesville, 1996.

<sup>5</sup> *Autos do Inquérito da Insurreição Praieira, Recife, 1849*; Brasília, Senado Federal, 1979, *passim*; Marcus J. M. de Carvalho, “Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848/49”, *Revista Brasileira de História*, nº 45 (2003), pp. 209-238.

<sup>6</sup> “Interrogatório feito ao preto Agostinho José Pereira, 26/10/1846”, in *O Nazareno*, apud *Diário Novo* (Recife), 30/10/1846.

<sup>7</sup> Apud José Antônio Gonsalves de Mello, *Diário de Pernambuco: economia e sociedade no 2º Reinado*, Recife, Editora Universitária, 1996, p. 52.

<sup>8</sup> *Ibid*, pp. 63-67.

faiates e artesãos, nem todos brancos, qualquer coisa pode ter acontecido com Agostinho, caso tenha continuado no Recife.

Seja como for, sua presença foi tão marcante, sua prisão tão alardeada, suas declarações tão surpreendentes, que sete anos depois, em 1853, quando um outro líder espiritual de negros foi também detido no Recife, prontamente passaram a chamá-lo de Divino Mestre Segundo. Rufino José Maria, todavia, era africano, liberto e muçulmano. Sua fé, portanto, não era a mesma de Agostinho. Para uma parte do noticiário local, todavia, no fundo eram farinha do mesmo saco: velhacos pregando inverdades aos negros da cidade. É como se todos os religiosos negros, na visão dos seus adversários, quisessem emular os atos de Agostinho, professor de dignidade e primeiras letras dos negros do Recife.

Os versos que a *Afro-Ásia* está publicando encontravam-se guardados numa gaveta do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGPE), no meio de poesias de vários autores, entre famosos e obscuros de várias épocas. Foram encontrados pelo psicólogo e restaurador José Gomes, guardião da Biblioteca do IAHGPE. Vencida a surpresa mútua, começamos imediatamente a transcrever o manuscrito, com a ajuda da professora de Paleografia da UFPE, Virgínia Almoedo Assis.

Escrito a bico de pena, com tinta ferrogálica, o documento aqui reproduzido é uma cópia – mas cópia feita no século XIX – de um original atribuído ao Divino Mestre. Segundo o copista, o documento conteria os “Versos do Divino Mestre intitulado (sic) Espírito Santo”. O texto em si contém indicações históricas que o situam, senão na época do Divino Mestre, ao menos no século XIX. A menção à escravidão, que já durava “mais de 300 anos”, é explícita. Também fala do Haiti (sic). A única dúvida é quanto ao uso da “Mérica Inglesa” (sic) também como contraponto à cegueira dos brasileiros ante a escravização dos “morenos”. Esta passagem, todavia, pode não ser uma referência aos Estados Unidos como um todo, cuja abolição foi mais tardia, mas a estados do norte desse país e às colônias caribenhas da Inglaterra, onde já não havia escravidão na década de 1840. É quase certo, portanto, que estes versos tenham sido apreendidos realmente em 1846, quando o Divino Mestre foi preso.

O mais intrigante, todavia, é a maneira com que ressalta a superioridade dos “morenos” (de “cor parda escura”, segundo o *Dicionário* de

Moraes)<sup>9</sup> em relação ao resto da população e o seu destino: coroa e cetro na mão. Sua conclusão é praticamente revolucionária. Quase um manifesto. Eu e José Gomes, todavia, ficamos intrigados também com o uso do termo “moreno”, pouco presente nas fontes pernambucanas – embora não nas baianas<sup>10</sup> — da primeira metade do século XIX. Enviei uma transcrição para João José Reis, para compartilhar nossa ansiedade e entusiasmo. Lamentei que, embora fosse um texto radical, não era o ABC. Ao ler a transcrição, porém, João observou que a primeira letra da primeira palavra de cada estrofe segue a ordem do alfabeto, com poucas exceções. Assim, é bem provável que realmente estejamos de posse do ABC, que tanto alvoroço causou entre os desembargadores do Tribunal da Relação, por tratar de liberdade, do Haiti, da dignidade dos “morenos” no Brasil, que teriam a cor “do verdadeiro messias”.

### **Folha 1 frente**

1. Versos do Divino Mestre intitulado
2. Espírito Santo
3. A linda Nobre cor morena
4. Degrado[u] no Brasil
5. [H]á mais de 300 anos
6. Muito breve terá fim
7. Brada o Deus e geme a terra
8. Dever tanta ingratidão
9. Que fazem com os morenos
10. Tendo tanta estimação
11. Como nação poderosa!!!
12. Desde o princípio do mundo
13. Gozavam da liberdade
14. Com o prazer mais profundo

---

<sup>9</sup> Antonio de Moraes Silva, *Diccionario da lingua portuguesa*, Lisboa, Imprensa Régia, 1831, 4ª edição, tomo ii.

<sup>10</sup> Ver Jocélio Telles dos Santos, “De pardos disfarçados a brancos pouco claros: classificações raciais no Brasil do século XVIII-XIX”, *Afro-Ásia*, nº 32 (2004), no prelo.

15. Do Egito Segundo Moisés
16. Vinde logo libertar
17. Que já paguemos (sic) o crime
18. De nossos antigos Pais
  
19. [H]erdeira pela natureza
20. De digna estimação
21. Desta nobre cor morena
22. O primeiro foi Adão
  
23. Fero[zes] nações produzidas
24. Desta nobre cor morena
25. Abr[a]ão foi a Segunda
26. E Índios assim também
  
27. Queiram a nação tão poderosa
28. De morenos e Africano[s]

### **Folha 1 verso**

1. Degrado[u] no Brasil
2. Dentro do pelo da cana
  
3. Homens sem [h]umanidade
4. Lembra-te do futuro
5. Dá liberdade aos morenos
6. E temei a uma nuvem escura
  
7. Jurastes a constituição
8. Para mais condenação
9. Que só pede gente livre
10. E nós na escravidão
  
11. Lá do centro do Sertão
12. Virá a nossa liberdade
13. Pelo que vós haveis sido
14. Agora tão desprezado[s]

15. Meios mais não acharão
16. Para serem vencedores
17. Fácil é serem sujeitos
18. De quem já foram senhores
  
19. Não se pode duvidar
20. Pois bem mostra a experiência
21. Que no princípio do Mundo
22. Os Reis eram morenos
  
23. Oh! grande é [a] cegueira
24. Desta gente Brasileira
25. Não olha para o Haiti
26. E para a América Inglesa

### **Folha 2 frente**

1. Podem viver contentes
2. Os morenos desprezados
3. Que muito breve verão
4. Como são tão desejados
  
5. Que quiseram e não puderam
6. Negar a sua liberdade
7. Para conhecerem os direitos
8. Que os Homens se fizeram
  
9. [Ar]razarão certas nações
10. Mais nenhuma os vencerão
11. Ficarà a cor morena
12. De coroa e cetro na mão
  
13. São tão certas as experiências
14. Que nos dá a entender
15. Que dos morenos
16. Foi que Cristo quis nascer



17. Também nossos antepassados
18. Quando gozaram ilustre liberdade
19. Não faziam como eles
20. Que' nos trazem tão desprezados
  
21. Vós de Deus, e suas promessas
22. Ainda não volta[m] atrás.
23. Devemos declarar a todas as Nações do Mundo
24. Que moreno dominará
  
25. Haverá sobre os morenos
26. Raios de Divindade

### **Folha 2 verso**

1. Por ser a primeira gente
2. Que no mundo foi formada
  
3. Zombarão certas gentes
4. de nossas tantas dignidades
5. Pela sua presunção
6. Tomam por caçoadas
  
7. Findaremos a verdade
8. Desta nova aparecida
9. A favor da cor morena
10. Do verdadeiro Messias